



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO II GRUPO DE BISPOS NORTE-AMERICANOS
DE BALTIMORE E WASHINGTON POR OCASIÃO DA VISITA
"AD LIMINA APOSTOLORUM"**

Quinta-feira, 29 de Abril de 2004

Caríssimos Irmãos Bispos

1. Bispos das Províncias Eclesiásticas de Baltimore e de Washington, "amados filhos em Deus, chamados para a santidade" (cf. *Rm* 1, 7), apresento-vos as minhas calorosas saudações no Senhor. Que a vossa peregrinação até aos túmulos dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, e esta visita ao Sucessor de Pedro, vos fortaleçam na fé católica que provém dos Apóstolos (cf. *Oração Eucarística I*), e no testemunho jubiloso da graça de Cristo ressuscitado!

No corrente ano, no contexto dos meus encontros com os diversos grupos de Prelados provenientes dos Estados Unidos da América, que estão a realizar as respectivas visitas "*ad limina Apostolorum*", desejo reflectir sobre o mistério da Igreja e, de forma particular, sobre o *exercício do ministério episcopal*. Formulo votos a fim de que estas reflexões sirvam como ponto de partida para a vossa meditação e oração e, deste modo, cheguem a contribuir para um discernimento pastoral que seja útil para a renovação e a edificação da Igreja que está nos Estados Unidos da América. Assim, podemos começar com uma consideração sobre o *munus sanctificandi* do Bispo, ou seja, o serviço à santidade da Igreja de Cristo, que ele é chamado a prestar como arauto do Evangelho, como administrador dos mistérios de Deus (cf. *1 Cor* 4, 1) e como pai espiritual do rebanho confiado aos seus cuidados.

2. A missão santificadora do Bispo encontra o seu manancial na *santidade indefectível da Igreja*. Dado que "Jesus Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de a santificar" (cf. *Ef* 5, 25-26), ela foi dotada de uma santidade infalível, tornando-se "em Cristo e através de Cristo, a fonte

e a origem de toda a santidade" (*Gaudium et spes*, 47). Esta verdade fundamental da fé, confirmada em toda a recitação do Credo, tem necessidade de ser mais claramente compreendida e estimada por todos os membros do Corpo de Cristo, porque constitui uma parte essencial da autoconsciência da Igreja e o fundamento da sua missão universal.

A fé da Igreja na santidade que lhe é própria constitui, em primeiro lugar, uma confissão humilde da *fidelidade misericordiosa de Deus* ao seu plano de salvação em Jesus Cristo. Considerada sob esta luz, a santidade da Igreja torna-se uma *nascente de gratidão e de alegria* pela dádiva completamente gratuita da redenção e da vida nova que recebemos em Cristo, através da pregação apostólica e dos sacramentos da nova e eterna Aliança. Renascendo no Espírito Santo e tornando-nos filhos adoptivos do Pai no seu amado Filho, somos um reino de sacerdotes, um povo santo (cf. *Êx* 19, 6; *Ap* 5, 10), chamados a oferecer-nos "como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (cf. *Rm* 12, 1), intercedendo por toda a família humana.

Ao mesmo tempo, a santidade da Igreja sobre a terra permanece *real e contudo imperfeita* (cf. *Lumen gentium*, 8). A sua santidade é *um dom e um chamamento*, uma graça constitutiva e uma exortação à fidelidade constante à graça. O Concílio Vaticano II, como fundamento deste programa em vista da renovação do testemunho eclesial de Cristo perante o mundo, apresentou a todos os baptizados os elevados ideais da *vocação universal à santidade*, recebida de Deus. O mesmo Concílio confirmou que "todos os cristãos, em qualquer condição ou estilo de vida, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade" (*Lumen gentium*, 40), convidando todos os membros da Igreja a *um reconhecimento honesto do pecado e da necessidade da conversão permanente*, ao longo do caminho do arrependimento e da renovação.

A grandeza da visão da fé da santidade infalível da Igreja e do reconhecimento realista da pecaminosidade dos seus membros deveria inspirar todos a *comprometer-se de modo mais determinado na fidelidade à vida cristã*. Em particular, ela exorta-nos, como Bispos, a um discernimento permanente sobre a direcção e a finalidade da nossa actividade de ministros da graça de Cristo. O desafio que nos foi apresentado, assim como a toda a Igreja, tanto pelo Concílio como pelo grande Jubileu, permanece mais válido do que nunca: *a vida de cada cristão e as estruturas da Igreja devem ser claramente orientadas para a promoção da santidade*.

3. A busca da santidade pessoal deve constituir um elemento fulcral da vida e da identidade de cada Bispo. Ele há-de reconhecer a sua própria necessidade de ser santificado, enquanto se compromete também na santificação dos outros. O próprio Bispo é, em primeiro lugar e sobretudo, um cristão *vobiscum sum Christianus* (cf. Santo Agostinho, *Sermo* 340.1) chamado a ser obediente na fé (cf. *Rm* 1, 5), consagrado mediante o baptismo e dotado de vida nova por intermédio do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, graças ao dom da sua Ordenação e ao carácter sagrado que ela lhe impõe, cada Bispo ocupa o lugar do próprio Cristo e age em sua Pessoa (cf. *Lumen gentium*, 21). Assim, ele é chamado a progredir ao longo do *caminho específico da santidade* (cf. *Pastores gregis*, 13): o âmago do seu apostolado deve ser aquela caridade

pastoral que conforma o seu coração com o Coração de Jesus Cristo, num amor sacrificial pela Igreja e por todos os seus membros.

O Sínodo dos Bispos mais recente insistiu sobre o facto de que a *santificação objectiva*, que deriva da Ordenação e do exercício do ministério episcopal, há-de coincidir com a *santificação subjectiva*, em que o Bispo, com o auxílio da graça de Deus, deve progredir de maneira contínua (cf. *Pastores gregis*, 11). Analogamente, o princípio unificador do ministério do Bispo será a sua contemplação do rosto de Cristo e a sua proclamação do Evangelho da salvação: uma interacção dinâmica de oração e de acção, que enriquecerá espiritualmente tanto a sua actividade exterior como a sua vida interior.

4. Com efeito, o Sínodo desafiou os Bispos a tornar-se, de maneira cada vez mais activa, *ouvintes da palavra de Deus*, através da oração quotidiana e da leitura contemplativa da Sagrada Escritura. Efectivamente, para a renovação da Igreja na santidade, é essencial que o Bispo seja não apenas uma pessoa contemplativa; ele deverá ser também um *mestre no caminho da contemplação* (cf. *Pastores gregis*, 17). A sua oração deveria ser alimentada sobretudo pela Eucaristia: "Não apenas quando aparece à vista de todo o povo de Deus como *Sacerdos et Pontifex*, mas inclusive quando dedica uma parte razoavelmente longa do seu próprio tempo à adoração diante do Sacrário" (cf. *ibid.*, n. 16). Para que a sua oração alcance a realização e o cumprimento na Eucaristia, deve ser alimentada também pelo recurso regular ao sacramento da Penitência e, de maneira especial, pela celebração da Liturgia das Horas. Desta maneira, toda a sua vida de oração, tanto pessoal como litúrgica, se tornará *fonte de fecundidade apostólica*, dado que é apresentada ao Pai no Espírito Santo como intercessão de todo o Corpo de Cristo.

Por este motivo, o Bispo deverá certamente cultivar a *espiritualidade eclesial*, "porque tudo na sua vida está orientado para a amorosa edificação da Santa Igreja" (*Ibid.*, n. 11). No início do recente Sínodo dos Bispos, desejei estabelecer um vínculo entre esta atitude de serviço à comunidade eclesial e a adopção de *um estilo de vida que imite a pobreza de Cristo*; assim, convidei os Bispos a "verificar até que ponto a conversão pessoal e comunitária à pobreza evangélica efectiva se está a realizar no seio da Igreja" (*Homilia de abertura*, 30 de Setembro de 2001, n. 3). Agora encorajo-vos, assim como os vossos irmãos Bispos, a empreender este discernimento no que diz respeito ao exercício concreto do ministério episcopal no vosso país, em ordem a garantir que seja considerado de maneira cada vez mais evidente como uma forma de *serviço sacrificial* no meio do rebanho de Cristo. Sem dúvida, isto dará frutos abundantes, criando mais liberdade interior no exercício do ministério, um testemunho mais evangélico de Jesus Cristo, "que completou a obra da redenção na pobreza e opressão" (*Lumen gentium*, 8), e mais solidariedade diante das dificuldades e dos sofrimentos dos pobres.

5. Estou profundamente persuadido de que, numa Igreja chamada de maneira permanente à renovação interior e ao testemunho profético, *o exercício da autoridade episcopal deve alicerçar-*

se sobre o testemunho da santidade pessoal. O grande desafio representado pela nova evangelização, ao qual a Igreja é chamada neste nosso tempo, requer uma credibilidade que derive da fidelidade pessoal ao Evangelho e às exigências do discipulado cristão. Em conformidade com as palavras memoráveis do Papa Paulo VI, "será pois, pelo seu comportamento e pela sua vida que a Igreja há-de, antes de mais nada, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra, *pelo testemunho de santidade*" (*Evangelii nuntiandi*, 41).

Enquanto consideramos com fé o desígnio de Deus para a família humana reconciliada e unida em Jesus Cristo, de quem a Igreja constitui o sacramento e a visão profética, podemos observar com clarividência cada vez mais acentuada a relação inseparável entre *a santidade e a missão da Igreja* (cf. *Redemptoris missio*, 90). Por conseguinte, uma parte essencial da nova evangelização deve ser *um renovado zelo pela santidade*, que inspire todas as nossas iniciativas e encontre a sua expressão concreta numa renovação da fé e da vida cristã. Não podemos deixar de escutar a exortação profética dirigida a toda a Igreja, através da experiência do grande Jubileu: a Igreja é chamada a oferecer uma genuína "formação na santidade", adaptada às necessidades de todos, em vista de assegurar que cada comunidade cristã se torne uma autêntica escola de oração e de santificação pessoal (cf. *Novo millennio ineunte*, 33).

6. Assim, este é o grande desafio que a Igreja está a enfrentar no alvorecer do novo milénio e o caminho seguro para a sua autêntica renovação interior. Enquanto a comunidade católica que vive nos Estados Unidos da América, sob a vossa liderança, procura assumir este desafio, garanto-vos as minhas preces para que vós e todo o clero, os religiosos e igualmente os fiéis leigos confiados aos vossos cuidados pastorais, cresçam diariamente em santidade e se tornem o verdadeiro fermento do Evangelho no seio da sociedade norte-americana.

Queridos Irmãos, nos esforços em vista do cumprimento do vosso exigente ministério de santificação na Igreja que está nos Estados Unidos da América, tendes a bênção de poder contar com o modelo eminente de santidade episcopal, oferecido por São João Neumann, cuja vida foi despendida no serviço generoso e incondicional à sua grei. Inspirados pelo seu exemplo e orientados pelas suas orações, oxalá possais crescer todos os dias na graça do vosso ministério, de maneira a poderdes cumprir o dever perfeito do amor pastoral (cf. *Lumen gentium*, 41).

Enquanto confio todos vós à sua intercessão, concedo-vos cordialmente a minha Bênção Apostólica como penhor de alegria e de paz no Senhor.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana